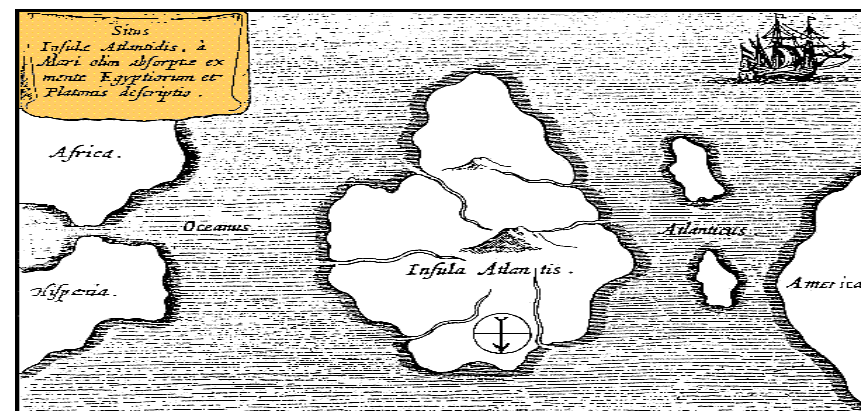


**CADERNOS de ESTU-
DOS AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS
COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA**

CADERNO # 36 - EDIÇÃO junho 2021
DEDICADO A DINIZ BORGES



CADERNO # 36 - EDIÇÃO junho 2021
DEDICADO A DINIZ BORGES

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

Editor AICL Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello
COORDENADOR DOS CADERNOS – Susana Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

DVD ISSN 2183-9115

ONLINE ISSN 2183-9239

NOTA INTRODUTÓRIA



CHRYS CHRYSTELLO, *Presidente da Direção*,

No 11º Colóquio da Lusofonia [Lagoa 2009, então denominado 4º Encontro Açoriano] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt em Ponta Delgada).

Concebemos e organizamos em Braga, na Universidade do Minho, um Curso Breve **AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S)** com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos uma associação com uma entidade universitária para que o curso possa ser dado em linha (online) para todo o mundo, com o nosso apoio e dos autores nossos parceiros revertendo os proventos de inscrição para a entidade que queira apostar neste curso.

Depois de 2011 foi possível a alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharem autores açorianos, e traduzirem excertos em 15 línguas (francês, inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, neerlandês, flamengo, esloveno, castelhano e catalão). Assim, alguns desses autores açorianos foram incluídos em

doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no portal www.lusofonias.net ([Cadernos de Estudos Açorianos e Suplementos \(lusofonias.net\)](http://www.lusofonias.net)) uma publicação trimestral: os **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS** para dar a conhecer excertos de obras (na maioria esgotadas) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre a peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única.

Foi em janeiro 2010 que brotaram estes despretenhosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato *pdf*. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer essa AÇORIANIDADE LITERÁRIA servindo de complemento aos currículos regionais e às várias Antologias de Autores Açorianos que a AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou¹.

Os Cadernos de Estudos tentam chegar a leitores em todo o mundo. Reitera-se que não há qualquer critério, além da arbitrariedade, a definir a ordem de apresentação dos autores. Por falta de coordenador, estiveram suspensos desde 2016, em 2020 foi nomeada a colega SUSANA ANTUNES como nova Coordenadora dos Cadernos,

¹ Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino "9 ilhas, 9 escritoras"

Além dos Cadernos editamos, esporádica e aleatoriamente, SUPLEMENTOS AOS CADERNOS AÇORIANOS que servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia.

Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que admite uma literatura açoriana «... Enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência».

A açorianidade literária (termo inicialmente cunhado por Vitorino Nemésio na revista *Insula* em 1932, em paralelo com a *Hispanidad* de Miguel de Unamuno), não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração.

Como escreveu J. Almeida Pavão (1988).” ... Assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da [Literatura] Continental”.

Assim, para a AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA], é Literatura de significação açoriana

“...A escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”.

A AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

, Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

, O dos insularizados ou «ilhanizados²» e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;

, Um exógeno, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.

Muitos dos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **Antologia monolíngue** em 2012, na **Coletânea de Textos Dramáticos** de 2013, a que seguiu, em 2014, uma **Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”**.

Nos CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS já se publicaram mais de três dezenas de Cadernos (por esta ordem) dedicados a autores contemporâneos (a maioria deles presente nos colóquios da lusofonia):

Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá. Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Machado Pires, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Dorés, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão,

Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara. José Nuno da Câmara Pereira II, José Luís da Silva, João Pedro Porto.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BGA (bibliografia geral da açorianidade), compilada ao longo de sete anos (2010- 2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havaí, etc. Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da colonização do Canadá, EUA, Brasil, da caça à baleia e tantos outros temas relacionados com a saga açoriana no mundo.

Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.

A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores.

De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores.

Esta Bibliografia, ainda muito incompleta, iniciada por mim em 2010, mas decerto indicadora do que se tem

produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Em 2017, o ICPD (João Paulo Constância), e o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados da Bibliografia publicada em livro de 2 volumes, pela Letras Lavadas em cuja Livraria de Ponta Delgada pode adquirir ou encomendar e que está atualmente em atualização em linha [5 BGA Bibliografia G Açorianidade \(lusofonias.net\)](http://lusofonias.net).



Diniz Borges, Vasco Cordeiro, Joseph Castro, Michelle DenBeste, Saúl Jimenez-Sandoval (Foto durante a cerimónia de inauguração do Portuguese Beyond Borders Institute (PBBI), dirigido por Diniz Borges na Universidade Estadual da Califórnia em Fresno.

Curriculum Vitae

Nome: Diniz Aurélio Lourenço Borges

Natural da Praia da Vitória, Terceira, Açores

Emigrante desde os 10 anos de idade (emigrou com os pais em 1968)

Morada: 1418 Clarete Avenue, Tulare, Califórnia 93274

Telefone / Fax: 559 , 686 , 7611

e-mail: d.borges@comcast.net

Habilitações literárias:

Licenciatura em Ciências Sociais e Estudos Literários pela Chapman University

Pós-Graduação em Ciências de Educação pela Chapman University



Mestrado em Literatura Étnica dos Estados Unidos pela Universidade Estadual da Califórnia, Dominguez Hills
Credencial para o Ensino de Português como língua estrangeira no ensino secundário e em “Community Colleges” pelo Departamento de Educação do Estado da Califórnia.



Diniz Borges, na biblioteca da sua residência

Atividades profissionais e comunitárias

Professor de língua e cultura portuguesas na escola secundária Tulare Union High School

Professor de língua e cultura portuguesas na College of the Sequoias, Visalia desde 1976.

Chefe do Departamento de Línguas Estrangeiras da Tulare Union desde junho de 2003.

Codiretor da comissão de negociação salarial do California Teachers Association of Tulare Union High School (sindicato de professores)

Professor de Apoio para as escolas portuguesas do Centro e Sul da Califórnia, ao abrigo de um protocolo com o Instituto Camões desde 2012

Diretor do Instituto de Estudos Açor-Americanos, Tulare, Califórnia

Coordenador da Página de Artes e Letras, **Maré Cheia**, do jornal *Portuguese Tribune*

Coordenador da Página Literária **Rumores da Diáspora** da Revista *Comunidades usa*

Moderador do Programa de televisão em língua portuguesa na estação da diocese de Fresno, KNXT Channel 49 - **Os Portugueses no Vale**

Diretor Executivo do Clube Estudantil da escola Tulare Union High School - SOPAS (Society of Portuguese-American Students)

Conselheiro das Comunidades Portuguesas, 2003 -2008

Presidente da Secção Local dos EUA e Bermudas do CCP 2004-2008

Presidente da Associação de Professores de Português dos EUA e Canadá, 2007- 2014

Vice-Presidente da Tulare-Angra do Heroísmo Sister City Foundation, desde 2005

Membro do Conselho Consultivo da Luso-American Education Foundation desde 2001

Membro da Comissão de Avaliações do Portuguese Heritage Publications, Califórnia

Membro do Tulare City Democratic Club

Colaborador com crónicas sobre a vida sociopolítico, cultural na América e as vivências das comunidades de origem portuguesa nos EUA nos jornais: *Diário Insular*, *Açoriano Oriental* e *Correio da Horta* nos Açores; *Portuguese Tribune* na Califórnia; *Portuguese Times* e *Luso-Americano* na Costa Leste dos Estados Unidos e *Sol Português* em Toronto, no Canadá.

Tem publicado ensaios, poesia em tradução, e análises em revistas académicas e literárias.

Tem participado com comunicações em inúmeros congressos e colóquios em universidades e associações das comunidades da América do Norte e em Portugal.

Comoderador do podcast *PALITICUS*, da organização nacional PALCUS, desde 2018

Foi professor de Português na Universidade Estadual da Califórnia em Fresno, 2001-2003

Foi professor de Português no *Summer Institute* da Universidade Estadual da Califórnia, Stanislaus, 1997-2000

Diretor Pedagógico da Escola Vitorino Nemésio do Centro Português de Evangelização e Cultura de Tulare 1997-98

Diretor Cultural e Vice-Presidente do Centro Português de Evangelização e Cultura de Tulare, 1989-1999

Diretor Cultural da Portuguese-American Heritage Association, 1997- 2001

Secretário do Tulare Angrense Atlético Clube, 1984-85

Fundador e Diretor do Simpósio Literário "Filamentos da Herança Atlântica" 1990-2002

Fundador e realizador do programa de rádio em língua portuguesa *A Voz do Emigrante* 1977-1980

Fundador e Diretor do programa *Rádio Aliança 80*

Cofundador e Diretor da estação *Rádio Comunidade*, 1980-1983

Cofundador e diretor do jornal comunitário *Novidade*, 1983-1989

Fundador e diretor do *Rádio Lusíada* de 1989-1993

Diretor de Programação na primeira estação de rádio de língua portuguesa a transmitir 24 horas por dia no estado da Califórnia - KTPB, Tulare, 1989-1993

Fundador e Coordenador dos serões literários “Café Com Letras” realizados em Tulare entre 1996 e 1999.

Coordenador do Setor da Juventude do Congresso da Luso-American Education Foundation em 1998

Cocordenador do XVI Congresso da Luso-American Education Foundation realizado em Tulare em março de 2001

Coordenador-Geral do XI Encontro de Professores de Português nos Estados Unidos e Canadá, realizado em Angra do Heroísmo em julho de 2003

Cocordenador do XXX Congresso da Luso-American Education Foundation realizado em Tulare em março de 2006

Coordenador geral do XI Encontro de Professores de Português nos EUA e Canadá, Angra do Heroísmos, Açores 2003

Cocordenador do XVI Encontro de Professores de Português nos EUA e Canadá, Horta, Açores, 2008

Cocordenador do XVII Encontro de Professores de Português nos EUA e Canadá nas Bermudas, 2010.

Cocordenador do Primeiro Fórum da Língua Portuguesa no Continente Norte-Americano, novembro de 2010 em Washington, DC

Coordenador dos MVPA Awards, Galardões instituídos há seis anos que tentam aproximar a comunidade estudantil luso-americana à comunidade em geral.

Coordenador do Festival de Cultura Portuguesa para a Juventude, realizado anualmente desde 2002 no qual participam cerca de 250 jovens alunos dos cursos de língua e cultura portuguesas.

Coordenador da Semana de Línguas Estrangeiras na Escola Tulare Union High School onde se destaca a língua portuguesa e as culturas lusófonas.

Coordenador da Portuguese-American Heritage Week, Semana da Herança Portuguesa (terceira semana de abril) em que se destacam elementos da cultura portuguesa através da música, poesia, cinema, e palestras e culmina com a celebração do 25 de abril.

Cocordenador do Portuguese Youth Day at CAL (Dia Português na Universidade da Califórnia em Berkeley).

Coordenador do Programa de Bolsas de Estudo da SOPAS (Society of Portuguese-American Students).

Formador de Professores de língua estrangeira em congressos da Luso-America Education Foundation, para o distrito escolar Tulare Joint Union High School District e para o Central California Foreign Language Teacher Association.

Formador de Professores para o programa do Departamento de Educação do Estado da Califórnia BTSA (Beginning Teacher Support and Assessment) desde

2007. Programa para acompanhar durante dois anos os novos professores.

Coordenador do Comissão nacional para o Ensino da Língua Portuguesa da PALCUS.

Vice-Presidente para relações públicas da Luso-America Education Foundation.

Diretor da Página Legacy (vivências portuguesas na Califórnia) do jornal Tribuna Portuguesa.

Presidente e diretor executivo da California Portuguese-American Coalition (CPAC) organização que promove a participação cívica das comunidades portuguesas na Califórnia.

Diretor da Bruma Publications (PBBI) Universidade Estadual da Califórnia, Fresno

Nomeado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Cônsul Honorário de Portugal em Tulare, nomeação oficializada pelo Departamento de Estado dos EUA em setembro de 2014.

Publicações:

América: O Outro Lado do Sonho, Câmara Municipal da Praia da Vitória, 1996

Uma Outra América: Textos do Real e do Utópico, Salamandra, Lisboa 2000

Alfred Lewis: Escritor de Emoções, Direção Regional das Comunidades, 2002

América: O Outro Rosto, Salamandra, Lisboa 2003

On a Leaf of Blue, Universidade da Califórnia em Berkeley, 2003

Organizou e Prefaciou a antologia **O Meu Coração é Assim** de ÁlamO Oliveira, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, 2003

Nem Sempre a Saudade Chora, antologia de poesia açoriana sobre a emigração, Direção Regional das Comunidades, 2004

O Meu Coração é Assim, organização e apresentação duma coletânea da obra do poeta ÁlamO Oliveira, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, 2004

O Outro Lado da Saudade, crónicas da emigração, Instituto de Estudos Açor-Americanos, 2005

I No Longer Like Chocolates (tradução com Katherine Baker do romance *Já Não Gosto de Chocolates* de ÁlamO Oliveira), Portuguese Heritage Publications, 2006

The Portuguese in Califórnia (tradução com Katherine Baker e Bobby Chamberlain do livro *Os Portugueses na Califórnia* de Eduardo Mayone Dias), Portuguese Heritage Publications, 2009

My Californian Friends (tradução com Katherine Baker do livro de poesia com o mesmo título de Vasco Pereira da Costa), Portuguese Heritage Publications, 2009

A Década Perdida, Crónicas de Uma América Cinzenta, Letras lavadas, Ponta Delgada, 2013.

Angra e os Primos da América, separata do Instituto Histórico da Ilha Terceira, 2018

À Sombra da Saudade: vivências portuguesas na Califórnia, crónicas da emigração para a Califórnia, Letras Lavadas, 2019

Nem Sempre a Saudade Chora, antologia de poesia açoriana sobre a emigração, **segunda edição**, Letras lavadas, 2020

Lajes - ***A Love Story, for a portrait of the Portuguese at Lajes Field and the affections that time left behind.***

(Translation of the story of the Lajes Base in Terceira Island written by Joel Neto), CRT, Terceira, 2020

Coorganizador com Duarte Silva ***Portuguese Beyond Borders: Inspiring Language, Culture, Heart and Community*** (plano estratégico para o ensino da língua portuguesa na Califórnia), LAEF 2018

Representado nas antologias:

Writers of the Portuguese Diaspora in the United States and Canada, Gonçalves & Matos, Boavista Press, 2015

Viagens, vol. I, Antologia sobre viagens, Letras Lavadas, 2020

Avós: Raízes e Nós, Baptista, Januário e Marujo, Alma-Letra, 2020

Velhas da Terceira, antologia organizada por Liduíno Borba, Angra do Heroísmo, Turiscon, 2020.

Atualização da bibliografia em

<https://www.lusofonias.net/5-bqa-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>

Distinções:

Medalha de Mérito das Comunidades Portuguesas em 1994

Certificate of Appreciation for Services rendered to the Portuguese Language and Culture in California, Califórnia State Assembly (Assembleia Estadual da Califórnia), 1997

New Teacher of the Year, Califórnia New Teacher Placement Association, 1997

Professor do Ano da Fundação Cultural Portuguesa do Centro da Califórnia em 1999

Cidadão do Ano da Portuguese-American Heritage Association, Festa do Emigrante no ano de 2001

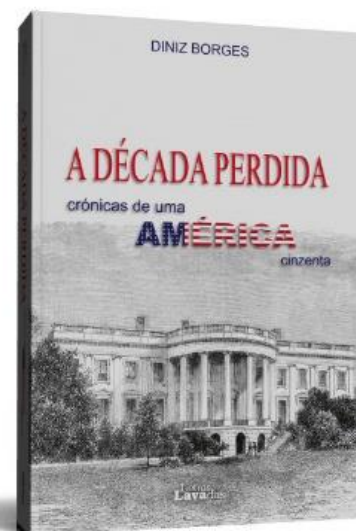
High School Educator of the Year for 2007 by the Tulare County Office of Education (Professor do Ensino Secundário do Ano do Condado de Tulare, a primeira vez que um professor de línguas é escolhido, e a primeira vez que um professor emigrante de Portugal é escolhido).

Educator Leadership Resolution, Luso-American Education Foundation

Prémio de Língua e Cultura Portuguesas da Luso-American Education Foundation, 2010.

Professor do Ano da California Language Teachers Association, 2017 (Primeira vez em 20 anos, desde a existência da associação) entregue a um professor de língua portuguesa)

Insígnia do Governo da região Autónoma dos Açores, 2017



A Década Perdida – Crônicas de uma América Cinzenta (Letras Lavadas edições, 2012, 432 páginas) é uma cole-

tânea de textos da autoria de Diniz Borges originalmente publicados entre 2003 e 2009 e que apareceram em diversos espaços de imprensa, tanto dos Açores, como a que serve as várias comunidades luso-americanas nos Estados Unidos.

A década a que se refere o título é a primeira do século XXI, um período histórico subsequente aos ataques terroristas de 11 de setembro que estiveram na génese das intervenções militares norte-americanas no Iraque e no Afeganistão, abarcando grande parte do mandato presidencial de George W. Bush.

A referência cromática do subtítulo sugere desde logo a natureza sombria dos assuntos abordados, em contraste com o colorido da prosperidade e da abundância com que a cultura popular geralmente “pinta” o país. Significativamente, e em corroboração com o epitáfio de “perdida” associado à década em questão, a cronologia dos textos inicia-se no período imediatamente anterior ao envio de tropas para o Iraque.

Cada crónica abre com uma citação, em epígrafe, atribuída a um estadista, escritor, filósofo ou pensador – e que se relacionada com o tema a desenvolver.

À distância, esta coletânea lê-se hoje, e no seu conjunto, como um livro de história, mas sem contudo perder a atualidade. Este aparente contrassenso explica-se à luz dos efeitos políticos e económicos que se veem repercutidos na sociedade à data em que se escrevem estas linhas, além de outros paralelismos que visivelmente se estabelecem entre o período histórico referido e os dias de hoje.

Diniz Borges adopta uma postura progressista, de centro-esquerda, para imprimir ao seu discurso um timbre lucidamente crítico da administração Bush.

Logo a abrir, Borges denuncia a promiscuidade evidente entre os grandes interesses económicos e o poder político no Estados Unidos como fator de subversão do sistema democrático norte-americano.

O poderio económico das grandes companhias financeiras, petrolíferas e outras exercem enorme pressão no sentido de garantirem a convivência dos poderes legislativo e executivo na tomada de decisões que naturalmente as beneficiem, em detrimento do cidadão comum que acaba por sofrer com uma governação deliberada, ou no mínimo negligentemente, lesiva dos seus interesses. Um bom exemplo disso é precisamente a invasão do Iraque em 2003, operação que acarretou custos astronómicos e que terminaram nas folhas de pagamento de companhias como a Halliburton e a Bechtel, como forma de pagamento de bens e serviços por estas prestadas em regime de subcontratação preferencial.

A intervenção militar no Iraque e toda a dinâmica política e económica envolvente dominam assim várias das crónicas em *A Década Perdida*, logo por ter sido justificada com base em premissas falaciosas, a saber, segundo Diniz Borges: 1) o Iraque não possuía armas de destruição maciça; 2) ao povo iraquiano não foi dada liberdade; e 3) nada implicava o Iraque ou Saddam Hussein aos ataques terroristas de 11 de setembro em Nova Iorque e em Washington.

O autor recorda-nos que os indivíduos que levaram a cabo os atentados desse dia fatídico eram de nacionali-

dade Saudita, o que, para além do paradoxo de ser este país o principal aliado dos Estados Unidos no Médio Oriente, é sugestivo das relações no mínimo sinistras entre a administração e a família real saudita e da qual Diniz Borges faz eco.

A imagem de George Bush passeando de mãos dadas, literalmente, com o príncipe saudita pelos jardins da Casa Branca é bem sintomático desta promiscuidade de interesses.

O discurso da liberdade e da democracia era rebatido pelas ações do presidente, as quais revelavam uma clara aversão à transparência e uma fuga doentia à verdade dos factos.

Diniz Borges refere o exemplo concreto da supressão, imposta pelo presidente, de 28 páginas do Relatório dos Ataques Terroristas de 11 de setembro, um ato de censura que visou ocultar graves indícios da implicação precisamente da Arábia Saudita nos trágicos eventos de 2001. Diniz Borges recorda-nos que fora já dinheiro saudita que circulara no famoso escândalo político que ficou conhecido por Irão-Contra, durante os anos da administração Reagan.

Entretanto, denuncia Diniz Borges, a pretexto de combater o terrorismo, permitiram-se sérios abusos de poder, em clara suspensão das liberdades, direitos e garantias assegurados pela Constituição.

Sob a capa do patriotismo, e em consonância com o rufar dos tambores de guerra que repercutia por todo o espaço mediático no período anterior à invasão de 2003, o *Patriot Act* afirmava-se como uma ameaça às liberdades indivi-

duais mais básicas, sonhando ao mesmo tempo quaisquer laivos de dissidência que pudessem despontar.

Ainda mais grave, insiste o autor, foi o uso das ameaças de terrorismo como arma de arremesso político que ajudaria à reeleição do Presidente Bush em 2004. Na verdade, a ardilosa tática discursiva do “Quem não está comigo, está contra mim” destinava-se a silenciar as vozes discordantes e críticas da política externa da administração Bush, constituindo um sério e preocupante sinal de crise da democracia representativa.

O Terrorismo substituíra o Comunismo como móbil e principal pretexto para se cometerem erros históricos à escala global, tendo sempre a administração Bush e as suas mais proeminentes figuras rejeitando quaisquer comparações históricas com o que se passara no Vietname e no Camboja três décadas antes.

Mas os paralelismos eram evidentes para Diniz Borges, que reprovava a imprudente insistência no prolongamento e reforço da presença militar no Iraque sob tão falaciosos pretextos.

Estavam lançados os dados para se granjearem resultados análogos aos alcançados no Sudeste Asiático, com a consequente erosão do respeito internacional para com os Estados Unidos.

Entretanto, várias das crónicas atualizavam o número de soldados americanos que iam perdendo a vida no Iraque ao longo dos meses.

O cronista dedica especial atenção ao processo eleitoral que garantiu ao Presidente Bush o seu segundo mandato.

Diniz Borges mostra-se especialmente preocupado com a forma como o Partido Democrata se libertou dos seus pergaminhos históricos e se furtou de constituir uma oposição efetiva face ao radicalismo da direita conservadora. A retórica maniqueísta da direita, observa Diniz Borges, teve o efeito de amedrontar os democratas que, com receio de serem apelidados de antipatriotas, evitam a todo o custo recriminar a desastrada política externa da administração Bush.

Por esses dias, o Partido Democrata encontrava-se efetivamente refém da falsa noção de que discordar de Bush seria prova de falta de patriotismo, “heresia das heresias na política americana” como sagazmente nos refere o autor.

Explica ainda Diniz Borges que este acobardamento ficou bem vincado inclusivamente pela postura de “pragmatismo político” (leia-se, hipocrisia) adotada pelo candidato democrata à presidência, John Kerry. A clarividência política do cronista vai mais além, propondo que esta tendência não foi pontual, mas antes reveladora de um processo sistémico. E para tal dá-nos conta da forma como Howard Dean viu o DLC (*Democratic Leadership Council*) retirar o apoio à sua candidatura, mostrando-se os seus membros mais interessados em encostar o Partido Democrata à direita do que em apoiar um candidato que se afirmava claramente de esquerda – inclusivamente à esquerda do próprio partido.

O favorecimento do *status quo* em prejuízo de uma verdadeira alternativa política é bem sintomático das tendências ideológicas da política norte-americana.

O cronista demonstra uma vez mais um conhecimento profundo dos meandros da política doméstica dos Estados Unidos ao mencionar o nome de Bernie Sanders, senador que, profeticamente, se tornaria candidato presidencial mais de 10 anos volvidos. Ainda mais significativamente, o facto de o mesmo Bernie Sanders, candidato assumidamente socialista, não parecer entusiasmar particularmente os *apparatchik* do Partido Democrata diz bem da forma atenta como Diniz Borges segue a realidade política do seu país adotivo.

Diniz Borges lança ainda, em muitas das crónicas reunidas no volume, um olhar crítico à comunicação social corporativa. Segundo o autor, quer a imprensa escrita, quer a imprensa falada falham rotundamente na sua missão primeira de informar e esclarecer o grande público.

Ao invés, tornou-se, durante os anos de George Bush, num veículo de propaganda da Casa Branca e seus acólitos.

Com a mesma sagacidade que caracteriza a sua análise política, o cronista discorre insistentemente da postura geralmente apática dos meios de comunicação social que, controlados por companhias dominadas pela alta finança, são subservientes do poder político, recusando-se a fazer as perguntas pertinentes que se impõem num estado de direito democrático e onde a liberdade de imprensa devia constituir valor inalienável. Durante a tal “década perdida”, e não obstante os falhanços das políticas da administração Bush serem evidentes, as conferências de imprensa na Casa Branca revelavam-se inócuas e inconsequentes.

A aquiescência demonstrada pelos *media* cimentava a impressão de que a comunicação social não estava ao serviço do rigor e da busca da verdade, mas antes se limitava a fazer eco da propaganda inventada pela administração Bush, tanto a nível de política externa como interna.

Um bom exemplo é como o plano de cortes fiscais para os mais abastados era camuflado como medida de estímulo à economia e à criação de emprego – sem que os jornalistas questionassem a viabilidade económica de tais medidas.

Embalados pela febre patriótica coletiva, os principais meios de comunicação jamais contextualizaram o déspota que agora caía no Iraque como um antigo aliado dos próprios Estados Unidos e dos interesses económicos e geopolíticos que se alinhavam no Médio Oriente.

Tinha sido o próprio Donald Rumsfeld, agora Secretário da Defesa norte-americano, quem foi a Bagdade durante os anos da administração Reagan oferecer apoio americano a Saddam Hussein, legitimando-o como um importante aliado face ao regime vizinho de Teerão – aliás em semelhança com o que já acontecera no Panamá com Manuel Noriega, entre outros exemplos infelizes.

Diniz Borges observa que Saddam não teria sido o déspota que foi sem a ajuda moral e material dos Estados Unidos – enquadramento histórico que os *media* sempre se inibiram de abordar.

Em paralelo, já nesses anos se falava num ataque à Síria, o que não deixa de ser interessante à luz da situação em que se encontraria esse país volvidos uma dúzia de anos.

A convivência da comunicação social era conseguida, sugere o cronista, à custa de formas de pressão exercidas pela Casa Branca sobre aqueles.

Conta o cronista como as perguntas mais incómodas feitas por uma jornalista irlandesa numa entrevista a George Bush lhe valeu ser banida da Casa Branca.

O facto de esta profissional se encontrar ao serviço de uma estação televisiva irlandesa – cujo atrevimento viria ainda a ser “castigado” com o cancelamento de uma reportagem agendada com a primeira dama Laura Bush na sequência deste episódio – evidencia o contraste entre o jornalismo europeu e o seu congénere americano, sendo o último maleável às pressões políticas a ponto dos seus profissionais mais se assemelharem, acusa Diniz Borges, a “meros estenógrafos.”

Esta disparidade fica aliás bem clara ao compararmos os conteúdos difundidos pela CNN nos Estados Unidos com os que a estação emite na sua versão internacional.

Numa outra instância, a conceituada *Newsweek* vê-se forçada a retratar-se na sequência da polémica criada pela publicação de uma reportagem de guerra na qual expunha factos que já tinham sido amplamente divulgados e analisados pela imprensa internacional. Também a cadeia televisiva CBS, sob pressão da direita fundamentalista, voluntariamente alterou os seus planos iniciais de levar para o ar a minissérie *The Reagans* em sinal aberto, relegando a transmissão dos episódios para uma sua sucursal por cabo – de muito menor audiência, portanto. Tudo isto porque o antigo presidente não seria retratado com a aura imaculada, quase mítica, com que a direita conservadora e evangélica gosta de recordar Ronald

Reagan. Diniz Borges recorda-nos que Reagan fora o precursor da galopante desregularização económica e do desmantelamento da tradição sindical retomados por George Bush. Na frente externa, Reagan apoiou ditadores pelo mundo fora, na esteira da luta contra o “Império do Mal” – mantra também recuperado por Bush com ligeiras modificações (o tal “Eixo do Mal”) – e portanto longe de ser a figura consensual e magnânima que os Republicanos exaltam.

Diniz Borges observa que esta falta de profundidade, e até cumplicidade, por parte dos *media* relativamente às políticas da administração Bush eram evidentes nos vários discursos em que, para além do próprio presidente, Dick Chaney, Donald Rumsfeld e Karl Rove se pronunciavam acerca da governação, sem que os jornalistas expusessem a retórica falaciosa, distorcida, incoerente e obstinadamente demagógica adotada por aqueles atores políticos. Entretanto, as poucas vozes dissidentes que se levantavam contra o *status quo* eram prontamente rotuladas de “radicais” e raramente conquistavam exposição mediática nos principais suportes informativos.

A contrastar com a superficialidade com que os meios de comunicação social americanos abordavam – e abordam – assuntos verdadeiramente importantes, por afetarem realmente a vida dos cidadãos – americanos e outros – Diniz Borges destaca a cobertura exagerada, quase obscena, com que se mostrou, debateu e analisou os mais ínfimos detalhes da detenção de Michael Jackson em 2003. Seja de forma consciente ou apenas em materialização do discutível primado de mostrar “o que o público quer ver”, a verdade é que o circo mediático montado em

redor das contingências judiciais envolvendo o artista serviu de distração que desviava convenientemente as atenções do público de assuntos muito mais sérios – como a invasão de um estado soberano do Médio Oriente.

Diniz Borges insurge-se ainda contra as grandes companhias farmacêuticas e de seguros, cuja influência política determina que, nos Estados Unidos, o acesso aos cuidados de saúde constituam um luxo em vez de um direito fundamental como noutras democracias avançadas.

O *lobby* das armas, na figura da influente NRA (*National Rifle Association*), é igualmente visado nestas crónicas, na ressaca da tragédia ocorrida na Virginia Tech. Isto em 2006, antes de vários acontecimentos ainda mais trágicos que viriam, infelizmente, a suceder-se ao tiroteio da Virgínia. Este assunto está aliás pejado de grande atualidade, já que o número de vítimas de violência com armas de fogo vai aumentando de forma assustadora, com incidentes a ocorrerem quase diariamente por todo o país. De facto, a insistente reincidência deste tipo de ocorrências levou o presidente Obama a exercer o poder executivo unilateralmente como meio de forçar uma solução legislativa para um mal que ele próprio apelida de “epidémico”.

Discorre também o autor, ao longo de várias crónicas, sobre a perniciosa agenda política do Partido Republicano, que exerce a sua influência no sentido de se continuar a empurrar a riqueza para o topo da pirâmide socioeconómica.

Ora, este desígnio, mais ou menos encapotado sob o manto dos princípios falaciosos, e mais do que desacredi-

tados, da economia da oferta, materializa-se nos cortes fiscais com que George Bush insiste em beneficiar as classes mais favorecidas, o que acaba por ter um efeito contrário ao estímulo económico.

Apesar de muito apregoado o mito, tanto a história como a teoria económica já deixaram provados, de forma clara e abundante, que tais medidas contribuem, numa sociedade pós-industrial, somente para a concentração da riqueza nas mãos de poucos. Isto decorre naturalmente a expensas da maioria, que acaba por ver o seu poder de compra diminuído por via de cortes a programas de ajuda social de toda a espécie; e da erosão do peso efetivo dos salários, cuja progressão há muito se encontra estagnada, concretamente em relação ao aumento abrupto dos custos com a educação e com a saúde suportados pela classe média, que vai assim progressivamente desaparecendo.

O processo de eclipse da classe média americana era ainda acelerado pela determinação com que a administração Bush mostrava em dismantelar quaisquer vestígios de atividade sindical. Diniz Borges demonstra igual preocupação com os cortes no orçamento da agência do ambiente (EPA), ao mesmo tempo que se atribuíam generosos subsídios à indústria do carvão e do petróleo. Tal postura deixa claro, por um lado, o desrespeito da direita americana pelos sérios problemas ambientais que enfrentamos; e, por outro, a forma desavergonhada como a administração Bush se empenha em compensar o grande capital em detrimento do bem comum.

Com efeito, os Orçamentos de Estado da administração de George Bush beneficiaram sistematicamente o “com-

plexo militar/industrial americano” e penalizaram pesadamente os programas de ajuda e proteção social em geral – como a saúde, a segurança social e o meio-ambiente. Os resultados destas políticas desresponsáveis e assimétricas estão bem à vista de todos na figura dos gigantescos orçamentos deficitários em que a administração republicana transformou os excedentes da administração que lhe precedeu, tendência que vai naturalmente contribuindo para valores de dívida externa absolutamente recorde – o que aliás o autor perspicazmente previu.

Aponta ainda o autor para a privatização da Segurança Social como o próximo grande objetivo da direita.

Criado em 1935, os conservadores insistem que o sistema público de pensões se encontra em insolvência financeira – outro mito em que as forças do grande capital se apoiam para esconder os seus gananciosos intentos. A concretizar-se, adivinha-se pois um futuro para aquele importante programa em tudo similar ao presente do sistema de saúde americano, cujo mote parece ser “enriquecer alguns ao servir muito poucos.”

A análise da situação política na Califórnia também marca presença nestas crónicas, estado que toca mais de perto ao autor por aí residir.

Em destaque está a deposição do Governador Democrata Gray Davis, em 2003, através de um plebiscito extraordinário que culminou numa exoneração que só uma vez antes se verificara em toda a história do país.

Ora, Diniz Borges equipara o assalto ao posto de Governador com o escândalo da eleição presidencial “roubada” em 2000, quando uma decisão do Supremo Tribunal de

Justiça – dominada por juízes conservadores – precipitadamente determinou a vitória de George Bush e inviabilizou a recontagem que, na altura, se impunha. Em Sacramento, capital do estado da Califórnia, a destituição de Gray Davis e a subsequente eleição do ator Arnold Schwarzenegger como Governador daquele populoso e influente estado americano foi possível, aliás à imagem do que aconteceria nas eleições intercalares de 2014, pelos altos níveis de abstenção entre o eleitorado mais à esquerda, em contraste com o militarismo, disciplina e voluntarismo geralmente característicos dos eleitores mais conservadores.

Mais tarde, no rescaldo das eleições de 2004, o cronista mostra desencanto ao considerar que o povo votara contra os seus próprios interesses – tanto para a Presidência como para o Congresso, como mesmo para postos de governação estaduais – acentuando-se com tal a viragem política do país à direita.

A deceção evidenciada, nesta altura, por Diniz Borges é tão mais relevante quanto o cronista associa a direita norte-americana, na figura do Partido Republicano, ao “militarismo, chauvinismo, xenofobia” e ao “fundamentalismo religioso”.

Não será necessária grande agilidade mental para facilmente perceber quão remissivos são os recentes “debates” entre os candidatos à nomeação pelo Partido Republicano às eleições presidenciais de 2016 da realidade política da década anterior que nos relata o cronista.

Para além dos temas supra, que se distinguem pela sua recorrência ao longo do volume, outros há que, embora

surjam mais pontualmente, não são menos importantes, tanto pela sua contiguidade contextual como pela consistência ideológica que oferecem ao conjunto dos textos.

Neste seguimento, Diniz Borges aborda outras idiosincrasias políticas que foram igualmente reveladoras da incompetência da administração Bush.

A nível interno, não foi esquecida a malograda reação ao furacão Katrina de 2005; o autêntico fiasco que representa a política do “*No Child Left Behind*” no sistema educativo – vista como uma manobra que visa efetivamente a privatização do ensino de qualidade, servindo portanto os mais abastados; a hipocrisia que subjaz à retórica em redor do problema da imigração ilegal; a miríade de escândalos políticos que iam estalando durante os anos Bush, envolvendo membros ligados à administração, de Jack Abramoff a Mark Foley; a questão da nomeação de juízes para o Supremo Tribunal de Justiça, processo que preocupou especialmente o cronista pelo potencial impacto regressivo que a composição daquele órgão por uma maioria de membros de mentalidade retrógrada representa para o país.

Mas nem tudo é sombrio e pessimista neste repositório cronístico. Ao aproximarmo-nos do fim do volume, alguns laivos de esperança vão dando sinais positivos na crença de um futuro melhor. Diniz Borges começava a dar conta das vozes dissidentes que paulatina e cautelosamente se levantavam contra a administração Bush, ao mesmo tempo que a popularidade do Presidente George Bush e das suas políticas caíam a olhos vistos: mais de 70% dos norte-americanos acreditavam, ao fim do seu mandato, que a intervenção no Iraque fora um desastre.

Nesse ínterim, na Califórnia, o Governador Schwarzenegger via serem derrotadas nas urnas propostas regressivas que havia plebiscitado – facto que representava uma clara rejeição das anacrónicas políticas de exclusão e intolerância que o governador republicano se esforçara por impor aos californianos.

Neste mesmo seguimento, a menção, outrossim em 2006, a figuras políticas como Barack Obama e Bernie Sanders – este último na ressaca das eleições intercalares daquele ano, que marcaram a sua eleição para o Senado e a derrocada eleitoral generalizada dos conservadores – era reveladora da confiança do cronista num futuro mais progressista, em contraciclo com as linhas de orientação que fizeram da administração Bush uma “década perdida”. Mais tarde, em 2008, Diniz Borges congratulava-se com o discurso de candidatura do Senador Barack Obama à Casa Branca. Nessa apologia, o cronista projetava a sua esperança na eleição de um candidato de ideias progressistas, documentando aliás as expetativas que se viviam naqueles dias de marcada bipolarização ideológica.

Quase uma década volvida, o extremar de posições à direita, subjacente à retórica inflamada dos candidatos republicanos à presidência, revelar-se-ia, à altura que se escrevem estas linhas, ainda mais dilacerante e fraturada do que em 2008.

Crónicas como as de Diniz Borges ajudam a colmatar a proverbial escassez de fiabilidade da memória coletiva e anima-nos a renovar a esperança em dias melhores.

Pedro J. Lopes, Professor of Spanish, Department of English & Foreign Languages, College of Arts & Humanities, Lander University

Diniz Borges e Vamberto Freitas no lançamento do livro À Sombra da Saudade (Ponta Delgada)



A outra (e esquecida) América

Barack Obama vai ganhar as eleições e será um bom líder dos EUA, porque, como afirmou há anos Martin Luther King, será julgado pelo seu carácter e não pela cor da sua pele.

Diniz Borges, A Década Perdida por Vamberto Freitas

Primeiro esclarecimento: a epígrafe aqui refere-se às eleições de 2008, mas, conhecendo o seu autor, Diniz Borges, aplica-se do mesmo modo ao que ele pensará neste momento a respeito da reeleição em poucos meses do atual inquilino da Casa Branca. Segundo esclarecimento: quem quiser ler sobre a América na linguagem tradicional e incessante da Cidade na Montanha (a expressão bíblica desde sempre usada para significar a *excecionalidade* da América entre todas as outras nações, como ainda há poucos dias a proferiria John McCain na Convenção do Partido Republicano), que, como entre a maioria dos ativistas comunitários açorianos lá imigrados, foi quase sempre a retórica predominante, procure outro texto para a sua consolação, que não este *A Década Perdida: crônicas de uma América cinzenta*.

Aliás, este extenso livro de Diniz Borges, que reúne as suas crônicas políticas e literárias desses anos de chumbo que começaram com o 11 de setembro e terminaram com a tropa americana no pantanal e na areia do Iraque, vem numa tradição bem minoritária entre os nossos intelectuais que para lá foram e lá viveram a maior parte das suas vidas, começando com a prosa inesquecível e inigualável de Garcia Monteiro (1853-1913) nas suas famosas cartas enviadas de Boston para alguns dos jornais aqui das ilhas, e tendo sido continuado por Onésimo T. Almeida numa primeira fase das suas intervenções públicas norte-americanas, de que resultou o ainda pertinente *Da Vida Quotidiana na L(USA)lândia* (1973), as suas crônicas do *Portuguese Times*, que muita celeuma levantaram na altura nas nossas comunidades.

De modo que, se Diniz Borges não conjuga, nem de perto nem de longe, do pensamento assético e beato sobre

o seu país de adoção, a verdade é que pertence também às mais distintas e credíveis das nossas vozes, quando se trata de nos explicar a grande sociedade a oeste, uma outra pátria, não esqueçamos, para a maioria dos açorianos.

O autor de *A Década Perdida*, imigrado na cidade de Tulare, no Vale de São Joaquim, desde os seus dez anos de idade, quando saiu da Terceira com os seus pais nos anos 60, formado em literaturas étnicas ou emergentes, e professor de língua portuguesa numa escola secundária local, presidente da Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá, nada deve a ninguém nas suas demarcadas posições políticas nem na perspicácia com que em crónica após crónica contrapõe um discurso ideológico que entre nós se situa algures num centro-esquerda, e nos EUA está claramente ligado à ala esquerda (liberal, na semântica dos EUA) do Partido Democrático, onde, aparentemente, se situa o atual presidente do país, e se situavam as figuras cimeiras como Thomas Jefferson, Franklin D. Roosevelt e John F. Kennedy, não esquecendo o texano Lyndon Johnson, o construtor de uma Nova Sociedade, época em que os direitos cívicos das minorias étnicas seriam finalmente reconhecidos e tornados lei da república.

Diniz Borges tanto se revê e se integra nessa grande tradição humanista e democrática como recebeu já na sua idade adulta as influências do seu país natal após a revolução de abril.

Ainda hoje -- e felizmente -- as suas crônicas publicadas em primeira mão nos jornais da imigração e aqui no nosso arquipélago provocam o desconforto dos que têm na América um imaginário idílico, que desde sempre a autopublicidade do país conseguiu impor no exterior, e depois as

célebres cartas dos nossos imigrantes, acompanhadas de fotos ao lado de brutos carros e de frigoríficos bem recheados e de porta aberta para aguçar o apetite de parentes e de outros infelizes que aqui tinham ficado.

Página a página, Diniz nunca nega essas “verdades” que permanecem entre nós, mas desconstrói impiedosamente o resto da história, o que ele considera o reino da injustiça e da desigualdade das classes sociais e das minorias étnicas, nunca perdendo a fé no poder da política para fazer da América, digamos, a verdadeira América, na qual todos os seus ideais seriam inteiramente cumpridos e respeitados.

Se a Direita americana ainda tivesse um naco de vergonha -- que não tem -- não só respeitaria estas vozes vindas do fundo da sua própria Constituição, como deixaria de adorar os demónios da suposta e sagrada *iniciativa privada* à grande escala, apoiada pela criminalidade especulativa dos chamados “mercados” e dos banqueiros, que mais uma vez destruíram a sua economia e a dos outros, tal como no desastre mundial de 1929. O facto de que são por enquanto os EUA que determinam a saúde de todas as outras nações, pelo menos no Ocidente, mais razão terá um cronista de sensibilidade absolutamente universal para lutar por um outro país, sem nunca abandonar as suas melhores tradições e instintos. Não será nunca a ignorância de muita opinião pública nas comunidades açorianas que vão calar uma voz como esta. Só que ainda hoje a palavra “socialista” (mesmo democrático) é ainda utilizada para assustar as crianças de todas as idades.

“As políticas estrangeiras perseguidas -- escreve Diniz Borges numa crónica intitulada “Os impérios têm um preço alto”, acerca do reinado de George W. Bush -- pela atual

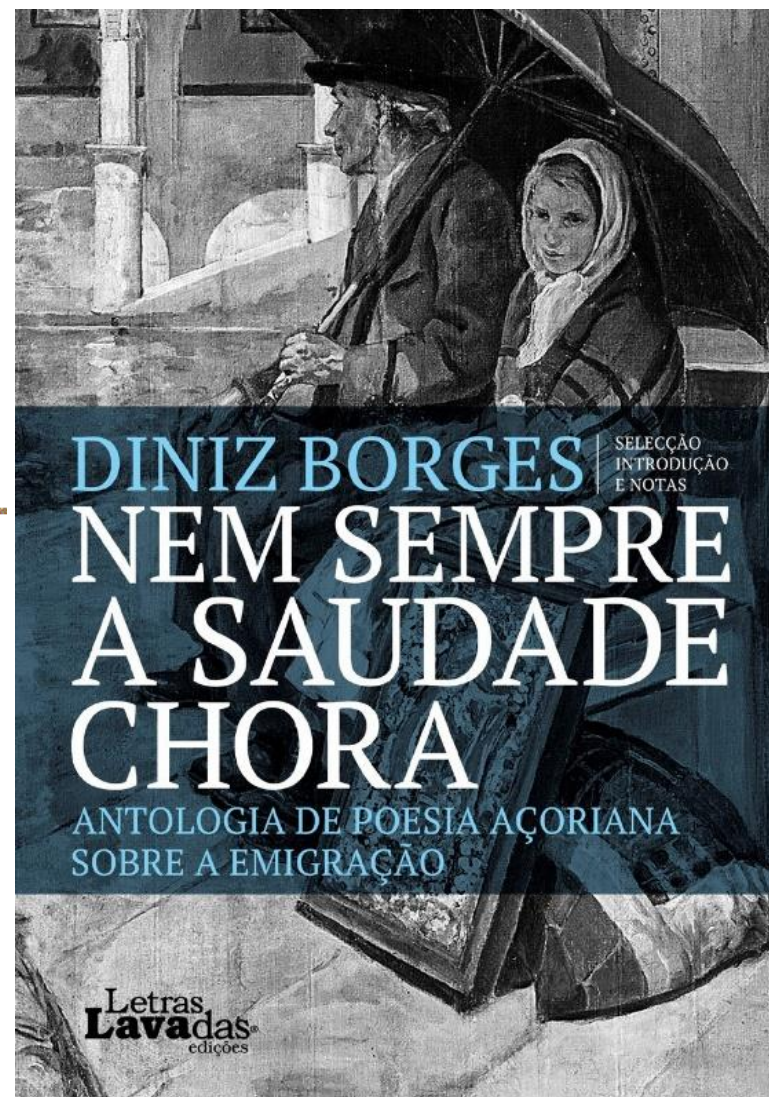
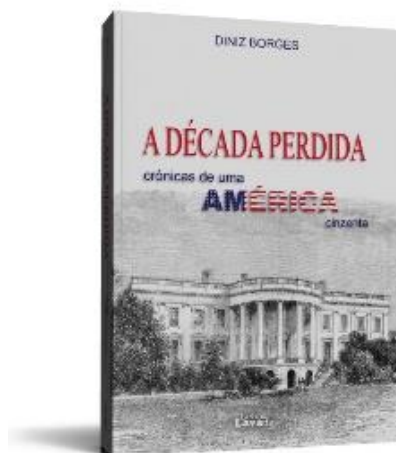
administração, coadjuvadas pelas políticas das administrações antecedentes, jamais poderão trazer paz e estabilidade. É que, enquanto houver lucro nas guerras para as multinacionais, enquanto as grandes companhias controlarem a classe política, os sucessivos governos, embora com uma outra dose de humanismo, persistirão num imperialismo que jamais beneficiará o cidadão comum americano”.

De resto, *A Década Perdida: crónicas de uma América cinzenta* permanece mais do que atualizado porque se trata de uma outra primeira história de um tempo tremendamente dramático na vida daquele país, e da nossa vida cá fora, por assim dizer, narrada com todo o subjetivismo (extremamente bem fundamentado) de quem assume as suas posições e, uma vez mais, ideais, “sem medo nem favores”. É o mais inteligente contraponto à CNN que poderíamos ter aqui no nosso país, para além de todos e quaisquer órgãos de informação e opinião instantaneamente disponíveis na *net*. Só que a voz do seu autor, distintamente açor-americana, não poderá ser reproduzida nem conter em si todo um referencial único, que só o nosso passado e formação muito própria nos oferecem. Diniz Borges intercala política com cultura e literatura, fazendo chamamentos a todo o pensamento que considera relevante não só no seu castigo ao *status quo* como, acima de tudo, na sua argumentação que outras ideias e projetos sempre existiram nos Estados Unidos, e que são o contrário do autêntico “sequestro” que as forças económico-financeiras dominantes a partir do século XX mantêm no país. Política, ensino, cultura e literatura (o poeta Robert Frost está no centro das suas preferências, no que ao modernismo literário americano diz respeito) compõem este livro, imprimem-lhe a originalidade de que mais

ninguém, entre nós na América, de que mais nenhum intelectual público em língua portuguesa e residente naquele país, poderá reivindicar.

Diga-se ainda que Diniz Borges se integra numa outra tradição muito americana: o jornalismo de combate e denúncia, que vem desde um H. L. Mencken ao falecido Hunter S. Thompson, mesmo que nunca utilizando as suas linguagens iconoclastas, mas partindo do dever crítico de jornalista ou comentador mais do que encartado pelo saber e pela reflexão sem tréguas. Liberal, à moda americana? Sem dúvida. A sua seriedade -- sobriedade -- refletem essas suas leituras que de dentro do próprio sistema tentam abalá-lo decididamente -- civilizadamente, cordialmente.

Diniz Borges, A Década Perdida: crónicas de uma América cinzenta, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2012



Tribuna Portuguesa

15 de Fevereiro de 2021

Cultura 11

Apenas
Duas Palavras

Diniz Borges
dborges@comcast.net

Mas do que Duas palavras (Bit more than Two Words).

Esta *Maré Cheia* é feita nas nossas duas línguas. Na realidade e segundo os estudos, e o que podemos ver todos os dias nas nossas famílias e nas famílias dos nossos vizinhos e amigos de origem portuguesa, com raízes nos Açores, nesta nossa Califórnia, *paradise of abundances*, que o poeta Pedro da Silva bem soube descrever, é que a língua inglesa é a língua de comunicação na vasta maioria da nossa comunidade. A língua portuguesa, língua mãe de muitos emigrantes e primeira geração, está resguardada para dias de festa, quando os avós ou bisavós (avós velhinhos—ou *velhinhos*), como se diz na nossa comunidade com muito carinho, estão presentes. Já na língua do seu país, e do país e avós (em alguns casos bisavós) os agor-descendentes continuam a criar poesia e prosa alicante, fortemente marcada pela sua cultura ancestral. Uma dessas vozes é Sam Pereira que acaba de publicar um novo livro de poesia que vivamente recomendamos. É o quinto livro de Sam e é uma viagem íntima pelos últimos anos das vivências por vezes turbulentas do mundo estadunidense. E fascinante, vemos, ao longo da poesia de Sam Pereira, marcas profundas de uma apanadade, já de terceira geração, que está fortemente marcada por traços que nos definem como povo, no arquipélago e nas Américas. A *Maré Cheia* é, pois, dedicada à poesia de Sam Pereira aqui nas duas línguas da nossa comunidade, acompanhada com o pedido de sugerirem aos vossos filhos e netos que leiam a criatividade de quem como eles, vive a América com salpicos da apanadade.

High Tide (*Maré Cheia*) is the translation of the title of this literary page that the *Tribuna Portuguesa* has been publishing in every single edition for almost two decades. More than a literary page, we have tried to make it a continuous dialogue between the Azores and the literary tradition of this archipelago with it. *Diaspora* and with the World at large. Today's edition is bilingual as we feature a poet, a magnificent poet, whose roots seem the Azores and whose creativity is filled with references to his ancestral homeland, elements of the Portuguese literary world (such as the presence of Fernando Pessoa) and the Portuguese-American community in California, one that is heavily of Azorean ancestry. Sam has just published a new book of poetry, *True North and Untrue You*. As I had the opportunity to write for a brief blurb that Sam included in the cover, in this book, "the reader navigates through a myriad of themes filled with stunning imagery, piercing wit and profound emotions. A truly sublime lyricism that engages, surprises and liberates."

Moreover, Sam's poetry is indicative of the rich literary tradition of the Azores, that lives in our community generation after generation. Even in the poems that are about America, about our society, our triumphs and our dilemmas, our dreams, and our hopes, one can feel what Vicente Montenegro termed as the *azoreaness*, a feeling, a way of being that transcends geography and generations. The sense of solidarity, of justice and of a deep connection with our fellow human kind, part of who we are as people in those magical nine islands, is spread throughout much of Sam's poetry.

High Tide highly recommends *True North and Untrue You*, published by Nine Mile Books. We hope Portuguese-Americans can look into our poets and see that although removed from those mythical and mythical islands, the spirit brought to the America by their forefathers is ever present. As poet David St. John wrote: "There are times disquieting yet tender and consoling poems are an embodiment of a compelling and new American noir poetry, one that in its cultural nuances can speak wisely to our current historical moment. This is a truly remarkable book for our times." I would add a remarkable book for the Portuguese-American experience with deep roots America and the Azores.

Abraços
Diniz

PÁGINA DE ARTES E LETRAS DO TRIBUNA PORTUGUESA

Maré Cheia

ABOUT THE PORTUGUESE-AMERICAN EXPERIENCE

Q: What so-called Portuguese sensibilities (like worth strength) have had an impact on your poems?
A: One of the most overused/overdeveloped words people call upon to describe the Portuguese frame of mind is *saudade*. However, it does apply, more often than not, to my writing. I think there is a love of solitude, a love of the cold, harsh reality surrounding a poem. We surround ourselves with facts and art, to be included within our work, and if you happen to be of Portuguese extraction, whole or partially, and lucky enough to see *saudade* as an incredibly special gift, you grab onto it as well. You call it what it is, the elixir of tempered souls.

Q: Can you compare the differences/similarities between an American viewpoint and a Portuguese-American viewpoint?

A: The dark is darker for the Portuguese American, I think. Personally, I *savor* that aspect, that difference. The Portuguese American viewpoint tends to be more world-endowed and less confined to a backdrop of landscape and whim. I don't deny landscape and whim, necessarily, I just know that the soul has better highways.

Excerpt from a full length interview with poet **Millient Borges Acordi** published in the online Portuguese-American Journal, www.portuguese-americanjournal.com/poetry-true-north-with-sam-pereira-interview/

Amanhã	Not at the idea of that Particular meat and vegetable	Ofrago-lhe uma aguardente, e ele toma-a.
Years ago, while stiring At a plate of soulless In what passed for a winter sun, The old thoughts returned.	On a weeknight, but At the apparent reality of guests Expecting to be entertained During these troubling times.	Comemos pasteis de nata e fumamos. Não há nada melhor do que a verdade, Dize-no-nos, enquanto os senhores Movem-se para a luz.
How on numerous occasions, Under the direction of a bass guitar, My head filled with a delicious Even Melville might have envied.	"I'll go, I'll go," Pessoa grumbled On his way to the fields.	Fernando molha o seu pastel Na aguardente -uma noiticeia Nunca gostei disso. Dig-o-o.
I had walked the perimeter Of this small town most of my life, Sometimes knowing that one Might come out of nowhere.	Later, under candlelight, Holding a glass of Port in his hand, He'd tell them how mushrooms Had invaded the country or might.	Pessoa ti porque me preocupo Com essas aguardentes. Diz-me Em português os Açores Que haviam descoberto Nova Iorque. Como ele o havia feito há anos, Nunca elegerei este menestresco.
Something home, the split second Before ending my bars For a scotch in the night. I thought About the anguish some saw	How everyone became hooked On putting fungi on top of their meats; Even the lamb seemed infected. The cabbage, not so much.	Ele quer mais uma aguardente. Trago-lhe e ponho-a Entre a mesa e a televisão.
In being alone. I picked One particular evening, face dashed With the blood of my follies, And sat, just sat, on a curb, dreaming	They loved when Pessoa told stories. They'd go home, half drunk, Trying to focus on the road and the stars. Pessoa knew this and smiled.	Fernando, dig-o, pensa Que o presidente bebe aguardente, Do país de fazer amor com a mulher. Aguardente? Uma mulher? Amor? O presidente Bebe o nipo das mangalhas Ruínas.
About making love with the sea, Her salt and industrially wet glasses Bouncing off my forehead, and off Into the after-buzzes we'd shared there.	How uncommon it was for his vengeance To have won so easily in the end.	Tu e eu, diz-me Pessoa, tu e eu Temor de subornar a subtração que esta aguardente nos faz. Esquante sobre pelos nossos bem definidos narizes. Na direção dos nossos quatro olhos abstratamente.

Copyright © 2021 by Sam Pereira

I might have said, in a slumber of love,
That she, my beloved Fátima,
Had given me a daughter, Amanhã,
in *True North and Untrue You*.

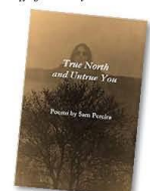
Pessoa Wined
for Diniz Borges

Pessoa's out in the measure
Looking for mushrooms.

I told him the guests
Would be arriving soon,

And that they'd be expecting
One or two of his stories

Before the lamb and cabbage
Got served. Pessoa winced.

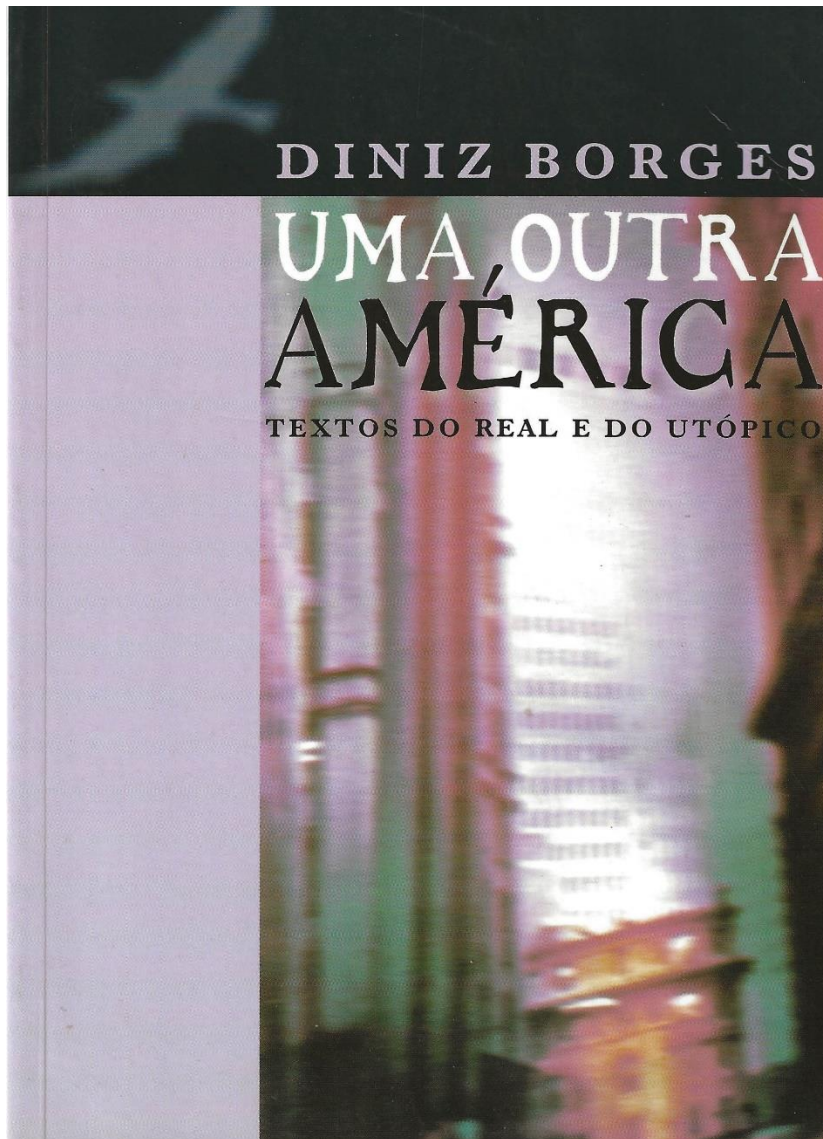


Aguardente e pasteis de nata com Pessoa

Pessoa passou por aqui
Para ver o julgamento da destituição.



CÂMARA MUNICIPAL DA
PRAIA DA VITÓRIA

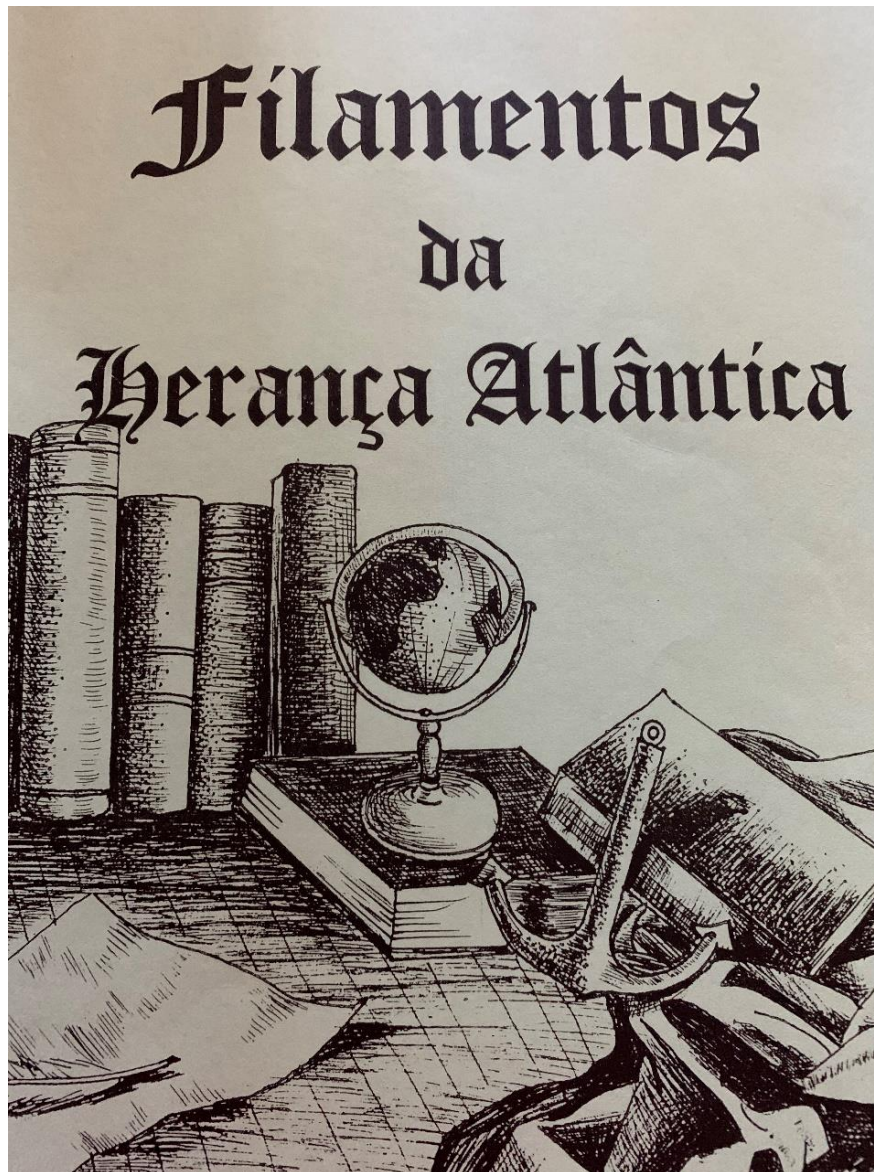


On a Leaf of Blue

*Bilingual Anthology of
Azorean Contemporary Poetry*



Translated and organized by Diniz Borges



PORTUGUESE BEYOND BORDERS

INSPIRING LANGUAGE, CULTURE,
HEART, & COMMUNITY



A Visionary Strategic Plan for Advancing
the Learning of Portuguese Language and Cultures
in California

Poetry

Diniz Borges was born in the mystical islands of the Azores, Portugal. He immigrated to the United States at the age of 10. Borges holds a bachelors degree in social science and a master's in the humanities from California State University, Dominguez Hills. He has been involved in the Portuguese-American communities for the last 25 years as a journalist, radio broadcaster, and teacher of Portuguese at Tulare Union High School, College of the Sequoias, and California State Universities, in Fresno and Stanislaus. He has been writing for the last 12 years. Borges is a contributing writer for newspapers in the Azores, the United States, and Canada. He has published three books in Portugal: *América: O Outro Lado do Sonho*; *Uma Outra América: Textos do Real e do Utopico*; and *Alfred Lewis: Escritor de Emoções*. He has a couple of other books to be published in Portugal in 2003 and 2004.



His love for poetry, and his connection with the Azorean poets, through readings, analytical essays, and the Literary Symposium, *Filaments of the Atlantic Heritage*, which he organized for 12 years in central California, led him to work on the translation of the contemporary Azorean poets in this anthology.



Cover artwork by ÁlamO Oliveira



Institute of Governmental Studies Press
109 Moses Hall
University of California
Berkeley, California 94720-2370
510-642-6723

DINIZ BORGES

ANGRA E OS PRIMOS DA AMÉRICA



Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira
Volume LXXVI - Ano de 2018



Avô, a sua bênção

O meu avô Manuel Ferreira Lourenço nasceu a 21 de dezembro de 1890, na freguesia do Cabo da Praia, ilha Terceira, Açores. Era um homem de poucas falas. Não arreganha dente a ninguém, diziam as bocas do pequeno mundo onde vivia. Até havia quem o visse como mal-humorado.

Era pai de oito filhas e todos os domingos a maioria delas, menos as duas emigradas, juntavam-se em casa do patriarca para um jantar em família. Era um vendaval de gente e uma azafama festiva.

Num desses domingos, estava eu à beira dos meus seis anos, já lia um pouco porque estava nas aulas da explicadora Dona Almerinda e tinha comigo o antigo livro da primeira classe com as histórias das letras e o salazarismo à mistura.

O barulho era tanto, com as minhas tias, tios e primos, que me atrevi a ir para lado do pátio, virado para a magistral baía da Praia da Vitória, onde o avô se refugiava para ter silêncio e fumar o seu cachimbo de tabaco aromático que eu gostava de cheirar. Sentado em silêncio, com o seu cachimbo “bent”, um dos vários que possuía numa coleção invejável, interpretava-o como um daqueles personagens importantes e intelectuais que costumava ver nos cinemas americanos que apareciam, no lado da igreja paroquial, nas noites das festas de verão.

Até esse dia em que me refugiei, com alguma apreensão, naquele lado mágico da casa, acho que não lhe tinha dito duas palavras, para além de lhe beijar a mão e da boca dele, pouco mais do que “Deus te abençoe” tinha ouvido dizer.

Naquela tarde, o meu mundo mudou, e o homem que raramente falava, para além do essencial, tornou-se num dos meus melhores amigos.

“Já sabes ler?” perguntou-me, para meu espanto. “Sim, Senhor” respondi, timidamente. “E gostas de ler?” Que mais uma vez respondi com o habitual, “sim, Senhor.” Tendo ele acrescentado: “porque é que gostas de ler?” Lembro-me, como se fosse ontem, de lhe responder: “porque gosto de histórias.” Convidou-me para me chegar junto dele e numa voz repleta de ternura, que jamais imaginava que possuía, disse-me: “o avô não sabe ler, mas se gostas de ouvir histórias posso contar-te algumas. Queres ouvir?” E a partir desse momento, em praticamente todas as tardes de domingo, tínhamos, ele e eu, o nosso momento de contar histórias.

Ao longo de quase três anos, ouvi as histórias da sua infância, de como foi trabalhar com apenas seis anos de idade. As histórias dos irmãos, da sua juventude, dos seus namoros e dos seus amores, e acima de tudo, as suas histórias da América de Cima (o termo usado para descrever a Califórnia).

É que o avô Manuel, com apenas 19 anos de idade, saíra da ilha à busca de outras oportunidades.

Contou-me a sua passagem pela mítica *Ellis Island*, a sua viagem no *carro do fogo* (o termo que usava para o comboio) que o levou, como me dizia “de uma ponta da América até à outra.” Contava-me as suas aventuras americanas, o trabalho árduo nos ranchos do imenso vale de São Joaquim.

Dissertava sobre os seus negócios, sobre o sócio que o enganou, sobre as aventuras de um **Far-West** açor-americano. Falava-me da primeira terra que comprou por uma centena de dólares e da sua ida a (vocabulário portinglês para town - cidade de) Tulare, onde vivo há quase 52 anos.

O avô Manuel viveu na América pouco mais de 18 anos, veio em 1910, poucos meses antes de celebrar os seus vinte anos e regressou em 1928, uns escassos meses antes da grande depressão económica de 1929 nos Estados Unidos. As suas vivências americanas eram-me contadas com uma mistura de aventura e saudosismo. Tinha um apreço muito grande pelo grande mundo americano, apesar de me dizer constantemente: “mas não era a minha terra.” Quando saiu da ilha, depois de ser, durante mais de dez anos “criado de servir” como se descrevia, despediu-se do patrão dizendo que voltaria.

“Se voltares, vendo-te as minhas terras, a minha lavoura e a minha casa, porque como solteiro não tenho herdeiros que queiram isto.” E assim o fez. Dezoito anos mais tarde, voltou à Terceira e comprou 140 alqueires de terra, a casa e a lavoura do envelhecido patrão.

A escassos dias do que seria a festa dos meus nove anos, o avô Manuel adoeceu. Já há anos que se queixava do coração. Na manhã sombria de 18 de outubro de 1967, quatro dias antes do meu aniversário, vi-o de cama, sentido o que minha avó Angélica descrevia “as agonias da morte.” Beije-o e dei-lhe um abraço. Vi, pela primeira vez, lágrimas nos seus olhos. No pequeno quarto, estavam seis das suas oito filhas, minha avó e eu. Alguns dos genros estavam no pátio fumando e conversando. Os meus primos brincavam. Olhou à volta e chamou minha mãe. Fiquei com o coração partido e as lágrimas saíam-me em bica quando o ouvi dizer: “Albertina, leva o Diniz lá para fora. Não quero que ele me veja morrer.” Vinte minutos mais tarde saíram do quarto a chorar. O meu contador de histórias, o meu amigo, tinha partido.

Um ano mais tarde, precisamente a 18 de outubro de 1968, partia da ilha com os meus pais e irmão. Iríamos dar continuidade à aventura americana do avô Manuel. Não o vi morrer, porque ele ainda hoje vive dentro de mim.

Avô, a sua bênção.

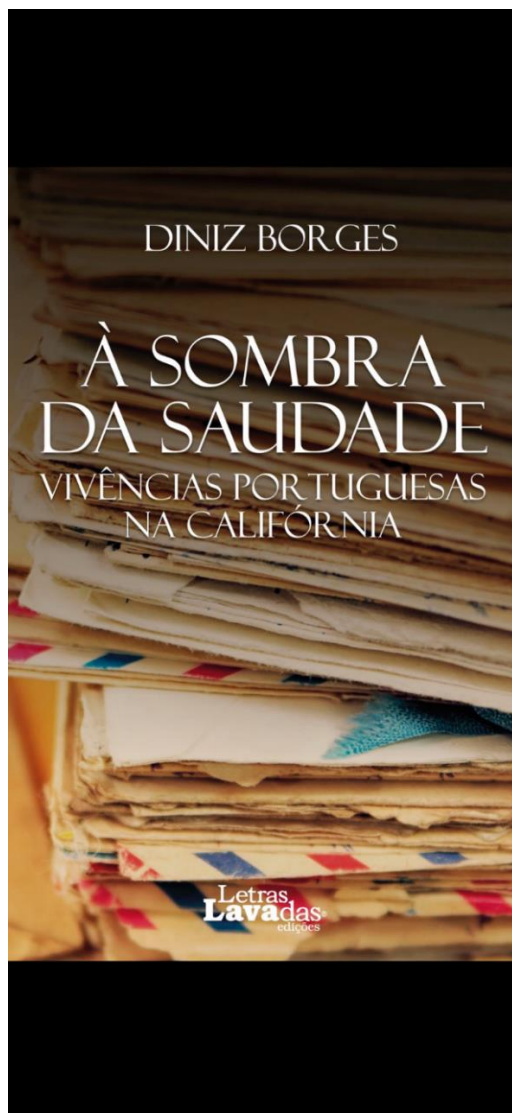
Texto incluído na antologia *Avós, Raízes e Nós*.



Diniz Borges, numa sala de aula



Diniz Borges, Emanuel Félix e Vasco Pereira da Costa, num dos simpósios Filamentos da Herança Atlântica em Tulare - Califórnia (ocorreram entre 1990 e 2002)



Diniz Borges falando com alunos numa visita à universidade estadual da Califórnia em Fresno (evento anual com a participação de mais de 300 alunos de cursos de língua e cultura portuguesas)



Alunos da escola secundária Tulare Union High School, onde lecionou 22 anos

Tribuna Portuguesa • May 1, 2020 • Page 22

Beyond Saudade

Diniz Borges
dborges@bcmcast.net

One month since our last edition of Legacy and our Portuguese-American community as well as all other ethnic groups in California are still leaving with social distancing and on semi lock-down. Kudos to all Portuguese-American organizations who have been very responsible and have responsibly closed their doors, as well as those who have postponed or canceled their Feste. It is a very tough decision, but certainly the right decision.

Fortunately, we have seen many Portuguese-American organizations thinking outside the box and doing an alternative Feste. Recently on the radio program that the Portuguese Beyond Borders Institute (PBBI) from Fresno State produces and runs Monday through Friday from 4:50PM to 6:00PM on KOST 1460 in Fresno (www.multicultural600.com) a member of one of our Feste mentioned that their organization was still doing a Feste, but a different Feste, the rosary would be prayed daily and sent our on live feeds on social media and they would have drive-by social. What an excellent idea.

This is also a time for our organizations to reflect and to look forward to a different community. Indeed, things have been changing for a few decades and unfortunately, we are still doing some of the same events we were doing 3 decades ago, without updates to be in tune with a different community. Hopefully this "forced break" will have us come together as a community and reflect on our new reality. Our cultural legacy must be an ever presence in our society. We must integrate our traditions into mainstream, something that I have written extensively about in Portuguese.

Enjoy this edition's student writing as part of our PBBI Oral History project at Fresno State, as we connect the university with the community. Also we invite you to connect with two ongoing projects that PBBI is having in this time of pandemic, a creative project called Celebrating My Ancestry-Share Our Roots (http://portuguesewithoutbordersgodaddy.com/oral-history) and a project to register our reality as a community during the pandemic. The project is called Our Community-Our Story-Our History (https://forms.gle/TD2xL3z3Ht5). This is a unique opportunity for our community.

Abravos

Diniz Borges
Founding Director
Portuguese Beyond Borders Institute

GLADYS ROSE DINIZ

FRESNO STATE
Portuguese Beyond Borders Institute

Tribuna Legacy

PORTUGUESE IN CALIFORNIA

A STORY OF FAMILY AND TRADITION

by Hannah Williamson

Glady's Rose Diniz whose mid-19th century comes from her grandmother was born in Madera, California. Most of the early memories that she has as a child in the Portuguese-American community were on the family farm, in the colony of Dirisland, an unincorporated community in Imperial County. This family farm had Portuguese, Italian, German and Dutch neighbors. She referred to all these farms together as a "mini United Nations." Gladys recalls that they were very self-sustaining. They also didn't need to go to town to buy much produce because most everything was grown on the farm and water, at the time, wasn't a concern.

Glady's is a second-generation Portuguese woman whose grandparents immigrated from Terceira, Faial and Bristol. On her father's side, her grandmother at the age of 16 immigrated from Praia da Vitória and her grandfather also immigrated from the Azores. On her mother's side, her grandfather came from Faial and her grandmother came from Bristol. Her mom and dad were also born in Madera. Her grandparents left because the farm they lived on in the Azores was too small. There was not enough land to support the 10 siblings. During immigration, her grandparents traveled through Ellis Island, a very popular transmigration station into the United States and moved to California where their sponsors who worked in the dairy industry lived. They saved money up by working for their sponsors' dairy in order to start their own dairy which started until her father sold all the cows and planted almond trees where the dairy used to be. Almond trees are a massive government because of the high demand for them. While adjusting to life in the United States, Gladys' grandfather did not speak any English and in the Azores, she had only gone to school for three years. All the children worked on the farms back in the Azores, so school wasn't as important as it is today. Survival during those times has both boys and girls working at a young age.

Gladys remembers of a story her

grandmother told her about when they were all leaving the Azores to America. In order to leave, they had to board a ship, but the ship wasn't at the harbor, it was anchored out in the ocean. People had to take small boats out to the ship which was difficult and scary because the waves were high and choppy. Once they got to the ship, everyone had to use a rope to climb onto it because it was dangerous, and you had to use your balance.

As a second-generation Portuguese woman, Gladys was raised with a very strong Portuguese identity. Her family, even while in a completely different country, kept all the traditions and grew up as if they were in the Azores. They had the same food, same festivals, same farming and more. They milked by hand and worked together. Even today, Gladys has maintained the same cultural traditions such as foods, holidays and she still attends festas. In fact, she attends more festas than her parents ever did.

Glady's has been to the Azores four times. Her first time she recalls it as a true, eye-opening experience because of how small the islands are. To her, it was like she was in a time capsule. One parcel of a field was the size of many large homes here and her grandparents only had 10 parcels. To her the Azores are a very beautiful place, surrounded by the ocean, calm, clean air and the temperature is very moderate. On one of her trips, she remembers going to the cemetery. She learned that each family only gets a cemetery plot and every 7 years the family must dig up the bones of their deceased ones and move them into a vault because there's no space for everyone to be buried. While other people may find that offensive and disrespectful, it is something they must do because the Azores is so small, and space is limited.

One of the most memorable experiences she has growing up in the valley are tied to the Portuguese-American social calendar. She recalls her cousin being the queen of festas and her sister hating to be a side queen. Her sister used to cry and scream and only was a side queen for one festa. She recalls many festas with fond memories. One festa that she never missed was the Chowchilla festa. She is very proud that the Chow-

chilla Portuguese Hall began putting up pictures of past Portuguese Presidents of the hall because her grandfather was the second President. Her family was one of the founding families of this hall. This hall unfortunately was burnt down, but the community came together to rebuild it.

Through life, being Portuguese-American has shaped who she is today by instilling in her a lot of integrity, a lot of values for family, faith and a consistency to never give up. She would be out in the field with her family and it would start to rain on the raisins. All the cousins, neighbors, everybody came and started throwing the bundles of raisins into the hoppers to get it into the barn. According to Gladys, everyone helped each other in teams and trials and you never gave up. Being Portuguese-American to Gladys means being an American that treasures her Portuguese identity and culture.

Gladys views that today some of the ideals are weaker, there's not quite the same family stability as when she grew up. Her grandmother was like the matriarch of her family, every time she was in her presence she would say "benção evo" and kissed her ring finger. There was a lot of respect for the elders and she doesn't see that as much with generations the younger generations. Gladys hopes that there can be a resurgence in young Portuguese-Americans so they can continue the tradition of the festas and support each other. She is hoping that young people will have the desire and the time to promote the culture and the traditions that the Portuguese brought to the Valley.

"O homem não pode descobrir novos oceanos a menos que tenha coragem de perder de vista a costa."
— André Gide

Estávamos em outubro de 1968, dentro de uma semana celebraria 10 anos, só que minha mãe anunciara que não faria o bolo tradicional, que eu adorava, que me lembro desde que recordo o meu aniversário e pelo qual esperava, ansiosamente, todo o ano.

Era uma tradição que seria quebrada porque três dias antes do meu aniversário partiríamos naquela que seria a viagem que me marcou para sempre.

Sairíamos da Terceira, passando por São Miguel para o visto, daí para Santa Maria, onde apanharíamos a *Pan América* até terras do Tio Sam.

Seria por quatro, no máximo, cinco anos, dizia-nos meu pai.

Cá estou há quase 52 anos.

É que tal como escreveu Lao Tzu; uma jornada de mil milhas começa com um único passo.

Com o cair da noite, e para que não houvesse as despedidas de uma dolorosa sapateia, fizemos das tripas o coração e lá entrámos, num delicado e silencioso pezinho, para o "carro de praça" que nos levaria até Angra.

Ainda hoje me recordo do silêncio total que nos levou pelas freguesias até à cidade, para em poucas horas darmos a salto que os meus avós maternos, ele à beira dos 20 anos e ela com 18, tinham dado no começo do século XX.

Numa noite sem estrelas, com um frio e um vento que penetravam os casacos escuros que usávamos,

metemo-nos numa lancha cheia de emigrantes, homens, mulheres e crianças que tal como nós, deixavam a simplicidade da ilha pela perplexidade de uma América cobijada por tantos ilhéus.

Lá estava a nossa sorte, afirmava meu pai, para tentar enganar a saudade que mesmo no momento de saída já lhe atravessava a garganta.

Recordo-me, como se fosse ontem, que uma profunda que estava coberta por uma profunda tristeza. A qual se observava em outras famílias que viajavam conosco.

Várias horas mais tarde estaríamos a chegar a Ponta Delgada, a primeira de várias etapas. Foi em casa de uma família conhecida que nos hospedámos durante o processo de aquisição do visto.

Uma aventura de sete dias, vivida com mais exames médicos e umas ofertas para aceleração dos documentos. Recordo-me, com grata saudade, os dias vividos numa cidade que me encantava. Os passeios a pé para “passar o tempo” levavam-nos pela avenida, pela Matriz, pelo Santo Cristo, pelas ruas estreitas e belas que descobria com deslumbramento. Aí comemorei os meus dez anos, a última vez que os festejei (até fazer 59, numa outra viagem, desta feita ao contrário) em terra portuguesa. Sem o tal bolo, foi um aniversário sem qualquer celebração, marcado pela ansiedade de meu pai, que queria embarcar para a América, quanto antes, para começar a colher dólares. Apesar de alguma expectativa pelas aventuras americanas, que o meu avô Manuel me havia contado, não tinha pressa de deixar a vida naquela cidade.

Numa terça-feira, já com o visto na mão, saímos para a ilha vizinha e nesse mesmo dia, num avião enorme, pelo menos para os meus olhos, partíamos para uma trajetória que nos levaria a atravessar o atlântico e mais ainda, todo o continente norte-americano. A viagem de avião até Boston parecia sem fim. Chegámos a um mundo totalmente desconhecido. Meu pai, com a sua meia dúzia de vocábulos em inglês e meia dúzia de notas que lhe haviam escrito no consulado americano, conseguiu conduzir-nos pelos labirintos da alfândega. Saímos de um local para outro e ainda mais um, e numa viagem interminável, salpicada com o medo e o fascínio por gente que vestia diferente, agia diferente e falava diferente, conseguimos chegar à porta de embarque para São Francisco. O alívio de missão cumprida, o triunfo de mais uma pequena (grande para quem andava perdido) vitória cedo se transformou em nova consternação.

Por indicações e sinais de uma simpática senhora, muito americana, com um sorriso plastificado e os dentes mais esbranquiçados que jamais havia visto, soubemos que o voo tinha saído há uma hora e teríamos de esperar por outro voo que só sairia na madrugada do dia seguinte.

Foi a primeira vez que dormimos (e ainda bem que foi também a última) num banco de um aeroporto.

Talvez seja um exagero dizer dormir, porque com exceção do meu irmão que tinha apenas 3 anos, e esse sim dormia com os anjos, os meus pais não pregaram olhos e eu, pouco. Eles porque suspeitavam de tudo e todos. Tinham consigo as poucas centenas de dólares

que tinham conseguido trazer da ilha e desconfiavam de todos os olhares.

Eu, porque, apesar do medo, por vezes por eles imposto, estava atraído por tudo o que via. O espetáculo de luzes que via perto e longe; os cheiros, muito diferentes do bolor das ilhas e as pessoas. Fascinava-me o vestuário, os comportamentos, o caminhar sem falar, o silêncio dos seus passos. Não sei se meus pais apreciariam o pensamento de Erol Ozan, em que: alguns caminhos bonitos não podem ser descobertos sem se perder, mas na realidade aquela noite foi-me marcante e teve a sua beleza.

Com a madrugada entrávamos no avião que nos traria até junto de familiares. Sentados e pouco antes de sair, meu pai suspirou, dizendo: finalmente vamos até à *América de Cima*.

Era esse o termo usado para diferenciar entre a costa leste e oeste dos Estados Unidos. Era um termo que conhecia muito bem. Desde os quatro anos de idade que o meu avô materno passava largas horas a contar-me as suas aventuras na dita *América de Cima*. Pela primeira vez fiquei com alguma curiosidade, diria mesmo, ansiedade, para conhecer a terra que ele tinha vivido e onde tinha feito a sua pequena fortuna. A terra que ele deixou aos 38 anos de idade, depois de pouco mais de 18 anos de imigração.

la atravessar o mesmo continente que ele tinha atravessado seis décadas antes. Fazia-o com os meus pais e o meu irmão. Ele fê-lo sozinho. Fazia-o de avião, levando mais ou menos 8 horas, ele tinha-o feito no “carro do fogo”, o termo que usava para descrever o com-

boio, e com as paragens e os enganões que nós também havíamos cometido, levou seis dias e meio até ao Eldorado. Como reli algures num texto de Helen Keller: *a vida é uma aventura ousada ou nada*.

Chegados a São Francisco, havia ainda mais um transbordo. Teríamos de encontrar a porta de embarque para a cidade de Fresno, no Vale de San Joaquim onde nos esperavam os meus tios e primos.

Aqui, por incrível que pareça não houve qualquer tropeço, apesar do aeroporto ser, como dizia meu pai: outro um grande mundo. Mais uma vez com as passagens e meia dúzia de notas, meu pai dirigia-se a um balcão quando deu de caras com um amigo que não via há 15 anos e com o qual tinha feito tropa. Miraculosamente, veio-nos salvar, já que tínhamos pouquíssimo tempo entre os voos. Trabalhava no aeroporto, na secção de limpeza, e conhecia todos os espaços.

Fez-nos ainda o favor de através de um telefone público ligar para os meus tios que na noite anterior tinham estado mais de três horas no aeroporto à nossa espera, alertando-os para a nova chegada. Com escassos minutos antes da descolagem, entramos num avião tão pequeno como os da SATA nas nossas ilhas na década de 1960 e em pouco mais de uma hora e 15 minutos aterrávamos num imenso planalto.

Depois de uma maratona de quase dois dias havíamos chegado à América, e no aeroporto de Fresno, quase uma hora depois de aterrarmos, lá estavam os meus tios.

Finalmente, caras conhecidas! O alívio era transparente na cara dos meus pais. Com dez anos de idade

continuava fascinado pela odisseia, vivia todo o itinerário entre o fascínio e o medo. A viagem de carro até à herdade onde viviam foi repleta de lembranças pelas histórias que o meu avô Manuel me contara.

A imensidão dos campos sem paredes que tal como ele me descrevera “pareciam não ter fim”; as vacarias das famílias de origem açoriana que um dia, tal como nós, haviam deixado as suas ilhas e em terra de outros refaziam as suas vidas; as estradas do Far-West americano que desde sempre me cativavam nos filmes que via quando, pela mão de meu pai ia ao cinema.

A ruralidade americana entrava-me pelos olhos ao som das novidades da ilha que meus pais davam aos meus tios, sedentos por tudo o que se passava em torno das vidas dos familiares e dos amigos.

Terminava a viagem da minha vida.

Começava o meu mundo açoriano rodeado de América.

Cinco décadas mais tarde, e depois de outras viagens e aventuras, esta continua sendo a jornada que mais me marcou.

É que T.S. Elliot tinha razão: é a jornada e não a chegada, que importa.

Texto escrito para a antologia *Viagens* publicada pela Letras Lavadas.



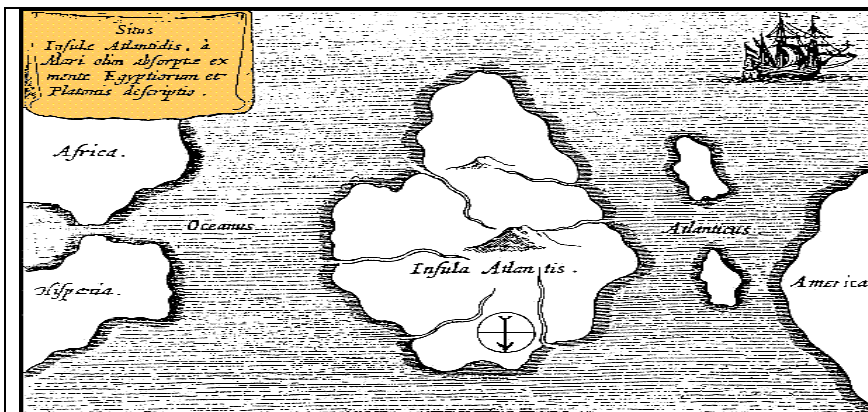
Diniz Borges e o Congressista Jim Costa durante a recolha das histórias orais na universidade estadual da Califórnia em Fresno



**CADERNOS de ESTU-
DOS AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS
COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA**

CADERNO # 36 - EDIÇÃO junho 2021
DEDICADO A DINIZ BORGES



CADERNO # 36 - EDIÇÃO junho 2021
DEDICADO A DINIZ BORGES

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

Editor AICL Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello
COORDENADOR DOS CADERNOS – Susana Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

DVD ISSN 2183-9115
ONLINE ISSN 2183-9239